

Os cadernos diários nos cotidianos do Ilè Aṣé Omi Larè Ìyá Sagbá

Daily notebooks in everyday Ilè Aṣé Omi Lare Ìyá Sagbá

Marta Ferreira*

RESUMO

Este artigo é fragmento da dissertação “Ìtàn – oralidades e escritas: um estudo de caso de cadernos de *hunkó* e outras escritas no Ilè Aṣé Omi Larè Ìyá Sagbá”, na qual analiso as redes educativas construídas no terreiro de candomblé Ilè Aṣé Omi Larè Ìyá Sagbá partindo dos *itàn* (histórias de *òriṣà*) como narrativa histórica que dá sentido à religião, bem como dos cadernos/diários de crianças e adolescentes candomblecistas, que registram por escrito aquilo que é aprendido nos cotidianos desse terreiro. A língua *yorubá* surge como ponto comum nesses cadernos/diários, através dos *itàn*, das *aduras* (rezas), e dos glossários. As análises desses registros escritos e as configurações dos textos nos cadernos/diários serão apresentadas neste texto, que busca refletir sobre o aprender no terreiro e o aprender na escola.

Palavras-chave: narrativas históricas; educação; Candomblé.

ABSTRACT

This article is a fragment of the dissertation “Ìtàn – orality and written: a case study of *hunkó* books and other writings in Ile Aṣé Omi Lare Iya Sagbá” in which I analyze the educational networks built in Candomblé yard cited in the title of the dissertation; starting from the *itan* (Orisa stories) as a historical narrative that gives meaning to religion and notebooks/diaries of children and adolescents candomblecistas that record in writing what has been learned in everyday this yard. The Yoruba language emerges as a common point in these notebooks/diaries, through *itàn*, the *aduras* (prayers), and glossaries. The analyzes of these written records and settings of texts in notebooks/diaries, is that I will present in this text, it also makes us reflect on learning in the yard and learn in school.

Keywords: historical narratives; education; Candomblé.

* Mestre em Educação (Uerj). Professora Substituta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Membro do grupo de pesquisa A Cor da Baixada (Uerj-Febef/Feuduc). 14martafferira@gmail.com

Por meio do estudo de cadernos/diários construídos por crianças e adolescentes no terreiro de candomblé *Ilê Aṣé Omi Larè Ìyá Sagbá* (Duque de Caxias, RJ), este ensaio é uma tentativa de pensar e repensar, a partir dos saberes em circulação no referido campo, como as redes entre oralidades e escritas se entrelaçam, como a experiência coletiva funde-se à individual e que tipo de tensões – e por que não dizer, subversões – que esses movimentos criam, bem como suas ressignificações. Os *itàn* (histórias de oriṣá) de Oḍe/çaçador representam a perspectiva de análise utilizada neste trabalho:

Todos os anos, para comemorar a colheita dos inhames, o rei de Ifé oferecia aos súditos uma grande festa.

Naquele ano, a cerimônia transcorria normalmente, quando um pássaro de grandes asas pousou no telhado do palácio.

O pássaro era monstruoso e aterrador.

O povo, assustado, perguntava sobre sua origem.

A ave fora enviada pelas feiticeiras, *Iá Mi Oxorongá*, nossas mães feiticeiras, ofendidas por não terem sido convidadas.

O pássaro ameaçava o desenrolar das comemorações, o povo corria atemorizado.

E o rei chamou os melhores caçadores do reino para abater a grande ave.

De Idô, veio *Oxotogum* com suas vinte flechas.

De Morê, veio *Oxotogi* com suas quarenta flechas.

De Ilarê, veio *Oxotadotá* com suas cinquenta flechas.

Prometeram ao rei acabar com o perverso bicho, ou perderiam suas próprias vidas.

Nada conseguiram, entretanto, os três *odés*.

Gastaram suas flechas e fracassaram.

Foram presos por ordem do rei.

Finalmente, de Irém, veio *Oxotocanxoxô*, o caçador de uma só flecha.

Se fracassasse, seria executado junto com os que o antecederam.

Temendo pela vida do filho, a mãe do caçador foi ao babalaô e ele recomendou à mãe desesperada fazer um ebó que agradasse às feiticeiras.

A mãe de *Oxotocanxoxô* sacrificou uma galinha.

Nesse momento, *Oxotocanxoxô* tomou seu *ofá*, seu arco, apontou atentamente e disparou sua única flecha.

E matou a terrível ave perniciososa.
O sacrifício havia sido aceito.
As *Iá Mi Oxorongá* estavam apaziguadas.
O caçador recebeu honrarias e metade das riquezas do reino.
Os caçadores presos foram libertados e todos festejaram.
Todos cantaram em louvor a *Oxotocanxoxô*.
O caçador *Oxô* ficou muito popular.
Cantavam em sua honra, chamando-o de *Oxóssi*, que na língua do lugar quer dizer “O Caçador *Oxô* é Popular”.
Desde então *Oxóssi* é seu nome. (Prandi, 2001, p.113-114)

Assim como o *itàn* do *Canșòșò Qde* (como é chamado nos cotidianos do terreiro pesquisado), o caçador de uma só flecha que mata o pássaro da morte e livra sua aldeia da maldição das senhoras feiticeiras, preciso exercitar a astúcia, a perspicácia, a paciência do caçador para observar os movimentos contidos nos cadernos, as narrativas de histórias, de momentos “vivificados” no coletivo e escritos na individualidade. Possuo instrumentos diferentes dos que meu querido caçador carrega (arco, flecha, sua mãe com presente e magia); no transcorrer das leituras posso recorrer às entrevistas e às conversas nos momentos de incertezas. Mas assim como o grande pássaro, como saber seu próximo movimento, ou como saber se o caminho apontado pelo candomblecista durante a entrevista realmente apresenta o sentido real dessa escrita? *Canșòșò Qde* e eu lidamos com as incertezas do subentendido; na leitura das entrelinhas, intuímos suposições, mas certezas, quem nos garante? São essas incertezas que nos movem – a de meu caçador: acabar com o pássaro e com a tristeza de sua aldeia; a desta pesquisa: formular e verificar a hipótese sobre construções de redes educativas no espaço do terreiro.

O objetivo da pesquisa¹ é perceber as redes educativas construídas no terreiro de candomblé *Ilè Așé Omi Larè Ìyá Sagbá* (casa do herdeiro das águas de Mãe Sagbá); esse espaço, que não é escolar, mas possui saberes, tradições e culturas diversas. Sei que muito já se falou sobre os fios de contas, ou fio de redes (Alves, 2008), e suas construções, mas para falar dos cadernos/diários, a escolha por esse caminho pareceu-me apropriada por estar partindo de textos que relatam experiências, apontam perspectivas de compreensão e organizações diferenciadas e específicas em cada um dos casos analisados. Os

candomblecistas são os sujeitos da ação e essa ação pode ser comparada às cores das miçangas, que surgem como nuances da intersubjetividade tecidas nos fios de conta, coletivamente. Fica clara a marca da experiência coletiva/individual e suas complexidades. Oralidades partilhadas e escritas intersubjetivamente construídas; segredos partilhados nas oralidades; segredos partilhados nas escritas. Fios de contas e seus coloridos diversos.



Figura 1

Foto: Luciana Serra²

Os cadernos/diários são construídos no cotidiano do terreiro, a partir dos ritos de iniciação do candomblé. Parto de dez candomblecistas, crianças e jovens, com idades variando entre nove e vinte anos. O caderno mais velho tem oito anos de idade e o mais novo oito meses. Sou *Ìyá Kèkèrè* (Mãe Pequena) do terreiro em que realizo a pesquisa. Sendo totalmente implicada no contexto do campo, e tendo o terreiro como parte da minha formação identitária, conheço as facilidades e dificuldades que essa posição pode trazer para a pesquisa: vejo como facilidade para entender toda a dinâmica desse espaço o fato de estar mergulhada nos rituais, participar de quase todos os momentos, ter acesso a

todos os espaços e pessoas que formam o terreiro. As dificuldades partiriam dos mesmos pontos: o perigo de naturalizar o pesquisado, o cuidado em descrever aquilo que faz parte dos meus cotidianos enquanto candomblecista para a leitura de quem desconhece totalmente o assunto. Tenho o ritmo do tantã dentro de mim como bem exemplifica o poema “O ritmo do tantã”:

O ritmo do tantã não o tenho no sangue
Nem na pele
Nem na pele
Tenho o ritmo do tantã no coração
No coração
No coração
O ritmo do tantã não tenho no sangue
Nem na pele
Nem na pele
Tenho o ritmo do tantã sobretudo
Mais do que pensa
Mais do que pensa
Penso África, sinto África, digo África
Odeio em África
Amo em África
Eu também sou África
Tenho o ritmo do tantã sobretudo
No que pensa
No que pensa
Penso África, sinto África, digo África
E emudeço
Dentro de ti, para ti África
Dentro de ti, para ti África
á fri ca
á fri ca (Jacinto, s.d.)



Figura 2

Foto: Luciana Serra

Nesses ritmos vislumbro outras possibilidades de compreender realidades e fazer ciência, a ciência do terreiro, tão antiga. A ciência que sente o corpo percebe os ritmos, canta sob o pulsar dos tambores que ao serem tocados cantam com os vivos, falam com os mortos e dialogam entre si e com os *òrìṣà* (Rodrigué, 2001, p.37).

Sabe-se que existem variadas formas de registros escritos nos espaços/ tempos³ dos terreiros, como bem exemplifica Conduru (2013, p.269):

Com certeza, na diáspora africana, a transmissão oral de conhecimentos foi e tem sido um modo fundamental de preservar conhecimentos de uma geração a outra, da África ao Brasil, do século XV aos dias atuais. Nos terreiros brasileiros não tem sido diferente. Entretanto, não se pode dizer que a escrita esteja ausente das práticas religiosas afrobrasileiras. Talvez tenha estado em um tempo distante e difícil de precisar. Contudo, a escrita não está mais ausente.

Na verdade não se dispõe apenas de registros escritos da vida nos terreiros. Há fachadas, murais, ensinamentos de jogos divinatórios, e também, de

fato, listas de compras, listas de afazeres diários, correspondências trocadas, cadernos com receitas de encantamentos, cadernos de fundamentos (Castillo, 2010). No próprio terreiro pesquisado encontramos alguns desses exemplos. O que me interessa aqui são as redes educativas estabelecidas através de registros tão diversificados, buscando uma perpetuação das tradições.

Seria essa escrita uma das maneiras de caçar o pássaro e se livrar de *Ikú*? Conta um itàn, que *Ibeji*, gêmeos encantados, enganaram *Ikú*, a morte:

Os *ibejis*, os orixás gêmeos, viviam para se divertir.

Não é por acaso que eram filhos de *Oxum* e *Xangô*.

Viviam tocando uns pequenos tambores mágicos, que ganharam de presente de sua mãe adotiva, *Iemanjá*.

Nessa mesma época, a Morte colocou armadilhas em todos os caminhos e começou a comer todos os humanos que caíam nas suas arapucas ...

Iku pegava todos antes de seu tempo de morrer haver chegado.

Sacerdotes, bruxos, adivinhos, curandeiros, todos se juntaram para pôr um fim à obsessão de *Icu*.

Mas todos foram vencidos ...

Os *Ibejis*, então, armaram um plano para deter *Icu*.

Um deles foi pela trilha perigosa onde *Icu* armara sua mortal armadilha.

O outro seguia o irmão escondido, acompanhando-o à distância por dentro do mato.

O *Ibeji* que ia pela trilha ia tocando seu pequeno tambor.

Tocava com tanto gosto e maestria que a Morte ficou maravilhada, não quis que ele morresse e o avisou da armadilha.

Icu se pôs a dançar inebriantemente, enfeitiçada pelo som do tambor do menino.

Quando o irmão se cansou de tanto tocar, o outro, que estava escondido no mato, trocou de lugar com o irmão, sem que *Icu* nada percebesse.

E assim um irmão substituía o outro e a música jamais cessava.

E *Icu* dançava sem fazer sequer uma pausa.

Icu, ainda que estivesse muito cansada, não conseguiu parar de dançar ...

Icu já estava esgotada e pediu ao menino que parasse a música por instantes, para que ela pudesse descansar ...

Icu já não aguentava mais dançar seu tétrico bailado.

Os *Ibejis* então lhe propuseram um pacto.

A música pararia, mas a Morte teria que jurar que retiraria todas as armadilhas.

Icu não tinha escolha, rendeu-se ...

Foi assim que os *Ibejis* salvaram os homens e ganharam fama de muito poderosos, porque nenhum outro orixá conseguiu ganhar aquela peleja com a Morte ...

(Prandi, 2001, p.375-377)

Nesse misto de brincar e professar a fé, as crianças e jovens desse terreiro, com as oralidades que circulam nesse espaço por meio dos cânticos, dos *itàn* contados, das explicações sobre as *aduras*, das histórias sobre as experiências dos mais velhos e seus registros vão propagando, legitimando e dinamizando tradições, mantendo vivas heranças ancestrais:

La tradición, en tanto, se caracteriza precisamente por su resistencia a dejarse aprehender em uma fórmula hermética. Como resultado de uma serie de experiencias – esto es de sucesivas transformaciones de La realidad bajo acción de um ideal que la superaconsultándola y la modela obedeciéndola –, la tradición es heterogênea y contradictoria em sus componentes. (Mariátegui, 2006, p.117-116)

Eduarda ti Yánsàn, Antônio Marcos ti Oşşossè... nomes, idades, saberes, escritas, rituais... O que é mágico encontra-se com sistematizações formais; herança cultural/ancestral misturada à escrita que aprisiona. Aprisiona? Garante continuidade? Rompe tradições? Permite a propagação constante? Constrói redes educativas antes somente ligadas ao aprender na escola? Perguntas, misturas, saberes... lembram a cozinha do terreiro. É o próprio terreiro e suas misturas.

Não são simplesmente cadernos onde se registra o que se ouve; são registros das experiências individuais que ao mesmo tempo são coletivas. *Aduras* comuns a todos desse espaço, mas registradas na individualidade identitária. Vocabulários construídos infinitamente, ou enquanto a fé estiver sendo professada naquele espaço. A escrita dos cadernos/diários, por sua construção, é como uma série de marcas que o corpo vai adquirindo a cada experiência vivenciada dentro do terreiro, impregnado das demais experiências e leituras de vida para além desse espaço; o arrepio que fala.

Uma vez que se almeja pesquisar uma cultura que, tradicionalmente, é repassada oralmente, as ressignificações e aprendizagens ocorridas são consideradas aqui como fundamentais para se chegar a uma melhor compreensão desses registros. Mas reafirmando que uma serve de complemento para a outra e nunca como contraponto:

Muitas vezes ficava na casa de meu *Tidjanini* após o jantar para assistir aos serões. Para as crianças, esses serões eram verdadeiras escolas vivas, porque um mestre contador de histórias africano não se limitava a narrá-las, mas podia também ensinar sobre numerosos outros assuntos ... Tais homens eram capazes de abordar quase todos os campos do conhecimento da época, porque um “conhecedor” nunca era um especialista no sentido moderno da palavra, mas, mais precisamente, uma espécie de generalista. O conhecimento não era compartimentado ... Era um conhecimento mais ou menos global segundo a competência de cada um, uma espécie de “ciência da vida”; vida, considerada aqui como uma unidade em que tudo é interligado, interdependente e interativo; em que o material e o espiritual nunca estão dissociados. (Bâ, 2013, p.175)

Com as pistas encaminhadas por *Bâ*, e de acordo com a composição oral e seus saberes ancestrais, encontro um caminho para dialogar com os textos encontrados nos cadernos/diários, textos orais, transformados em escritos a partir das vivências de cada autor. As oralidades sendo vivificadas, também, em registro escrito, como um complemento às riquezas dessa tradição, e imprimindo em cada relato a identidade dos autores; pois a escrita nesse caso é construída a partir de relatos coletivos na maior parte dos seus momentos, como bem relatam os entrevistados sobre o *yorubá* falado no terreiro, citado em um dos capítulos da dissertação.

São cadernos de grupos que participam de rituais de iniciação juntos; cadernos de iniciados sós; complementos em obrigações completas; complementos adquiridos no cotidiano do terreiro. Há pouco devolvi três dos cadernos pesquisados para que entrassem em ritual – estão ficando mais velhos. Novos/velhos conhecimentos os preencherão em novos rituais. Velhas/novas experiências permearão suas páginas formando o material desta pesquisa que me é cara. Cadernos que nunca têm um ponto para chamar de final. Mantive-me sempre atenta aos pormenores, assim como o caçador à espreita do melhor momento, para lançar sua flecha certa.

Além disso, precisei também pensar em uma forma de organizar o material de pesquisa, que é tão específico e vai se modificando ao longo da análise. Nesse sentido, pensei em organizá-los por grupos que se iniciaram juntos, depois por ordem de *şirè* – que na sua tradução literal do *yorubá* para o português significa brincar, mas que no cotidiano do terreiro é a ordem hierárquica de saudação aos *òrişà*; *şirè* também é como se chama a dança organizada em roda, na ordem do mais velho para o mais novo em idade ritual, que fazemos em louvor aos *òrişà* em dias de festas abertas ao público. Então decidi pela

segunda opção – *ṣirè* –, pensando em como essas crianças e jovens criam estratégias, analisam, brincam e assimilam as hierarquias estabelecidas a todos os momentos nesse espaço ritualístico.

CADERNOS/DIÁRIOS NO *ṢIRÈ*

Na brincadeira, no *ṣirè*, os *òriṣà* bailam, bradam e relembram suas histórias, seus *itàn*. Seguindo esse bailado ancestral procuro descrever e entender as organizações encontradas nos cadernos/diários, peço *agò*, licença, permissão para entrar nesse movimento, para tentar:

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades dos cotidianos escolares ou dos cotidianos comuns exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário. (Alves, 2008, p.18-19)

Mergulhada e disposta é minha pré-disposição existente, já que sou totalmente implicada no campo, impregnada pelos *itàn*, parte integrante desse todo que forma o *ṣirè* aqui apresentado.

Na ordem do *ṣirè*, os *oriṣás* se organizam em: *Èṣù*, *Ògún*, *Ọṣoṣṣè*, *Ossãe*, *Omolu*, *Oṣumarè*, *Nanã*, *Oṣum*, *Yánsàn*, *Logun Edé*, *Obá*, *Ewá*, *Ṣangò*, *Yemòjá*, *Òṣálá*. Acompanhando esse movimento, pesquisei os cadernos de:

- 01 – Patrick ti *Ògún*;
- 02 – Antônio Marcos ti *Ọṣoṣṣè*;
- 03 – Fernanda ti *Omolu*;
- 04 – Eduarda ti *Yánsàn*;
- 05 – Marcos Alexandre ti *Yánsàn*;
- 06 – Yasmin ti *Obá*;
- 07 – Enzo ti *Ṣangò*;
- 08 – Yasmine ti *Yemòjá*;
- 09 – Luís Claudio ti *Òṣálá*;
- 10 – Lincoln ti *Òṣálá*.

Usei as saudações dos *òriṣà* aos quais os autores dos cadernos foram consagrados para organizar as seções dedicadas a cada caderno, mas neste ensaio apresentarei *Èṣù* – o senhor da comunicação, do movimento, da negociação, da reconstrução, o mensageiro – para apresentar pontos comuns encontrados nos registros.

LARÒIÈ ÈṢÙ! (SALVE, ÈṢÙ)

Èṣù é o primeiro *òriṣà* a ser reverenciado em todos os momentos ritualísticos, sem reverenciá-lo não adianta realizar os demais rituais. Ele porta a mensagem de que os rituais terão início. Começo as descrições e análises destacando o que foi encontrado em comum nos cadernos/diários. Em um universo de construções textuais tão rico em diversidades e complexidades, alguns textos parecidos ou aparentados me chamaram a atenção.

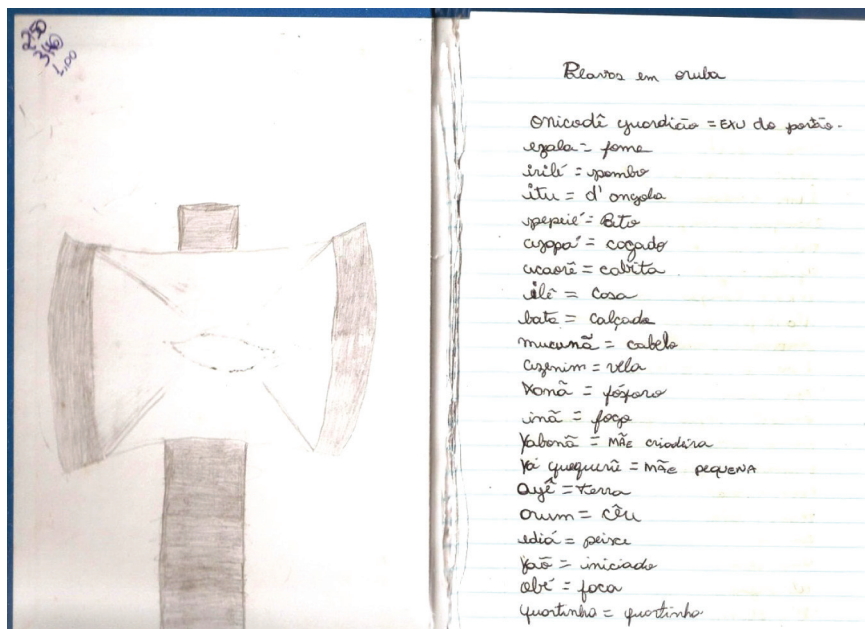


Figura 3
Foto: acervo pessoal

Em quase todos os cadernos/diários – digo quase, pois o do Luís Claudio ti Òṣàlá possui somente registros relacionados aos seus rituais de iniciação – encontramos glossários de palavras em *yorubá* e suas traduções. Com exceção de Enzo ti Ṣàngò (imagem anterior), que abre seu caderno com o glossário, os demais o colocam no meio dos demais registros. A ordenação dessas palavras não seguem uma ordem preestabelecida:

Copiei do caderno da Yasmine ty Yemòjá. (Fernanda ti Omolu)

Babá foi falando e fomos escrevendo. (Lincoln ti Òṣàlá)

Meu companheiro de *hunkó* me passou. (Ogan Patrick ti Ògún)

Enzo ty Ṣàngò e Patrick ti Ògún não registraram em seus cadernos/diários as *aduras*, rezas, que vemos em todos os demais. A resposta dos dois sobre esse não registro foi bem aproximada: “Já tá na cabeça, Ìyá.” (Enzo ti Ṣàngò); “Ah, sei lá... Acho que é porque canto com os outros *ogans*” (Patrick ti Ògún).

As formas de registros dessas *aduras* são as mais variadas. Aparecem por meio de ilustrações, coloridos, em uma parte do caderno reservada somente para esses registros, como as imagens a seguir:

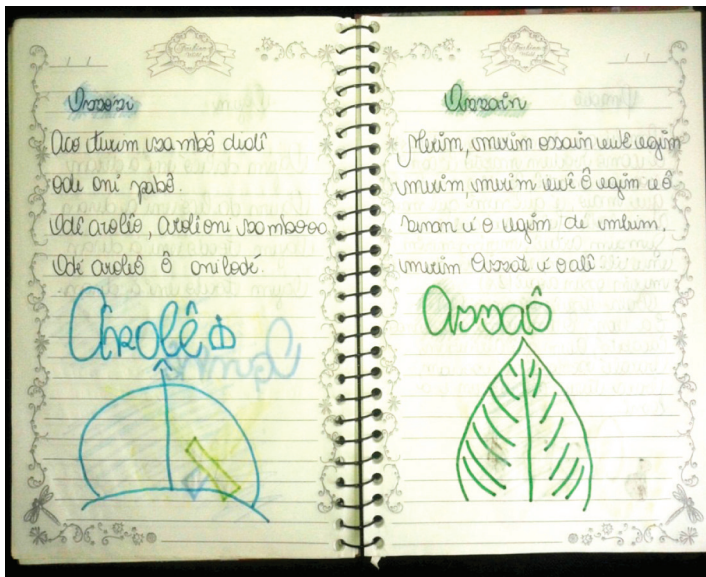


Figura 4

Foto: acervo pessoal

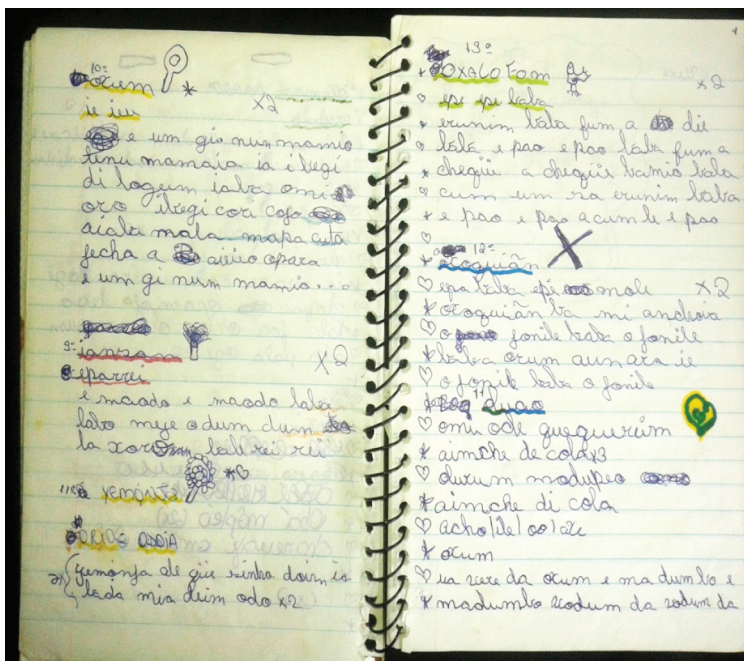


Figura 5

Foto: acervo pessoal

A origem da família de santo, família do terreiro, é encontrada em alguns cadernos/diários em formato de termo de abertura; em outros, ela comparece ao longo dos demais registros. Enzo ti Şangò não possui esse registro em seu caderno/diário.

Todos, sem exceção, realizaram o registro dos rituais de limpeza, ebós, pelos quais passaram durante suas obrigações, bem como seu Êşú mensageiro.

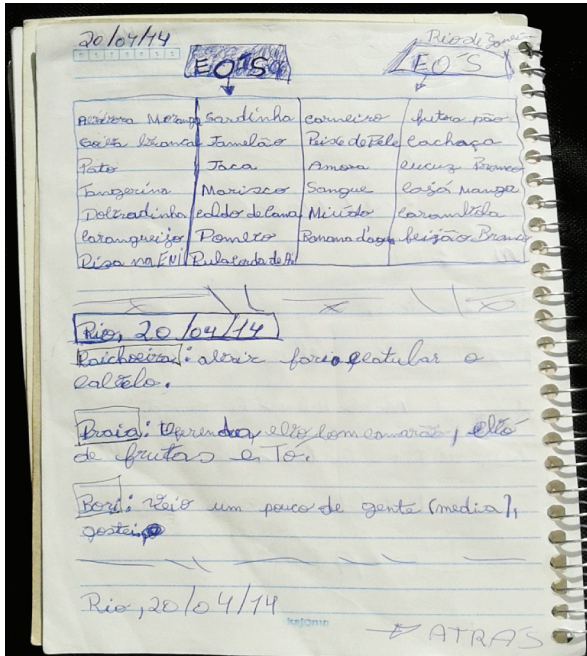


Figura 6

Foto: acervo pessoal

Até o que é comum possui suas especificidades na forma do registro – redes educativas enriquecidas por experiências identitárias.

ÀWA TÀFÀ-TÀFÀ RỌḂẸ, ÀWA TÀFA-TÀFÀ AWO; AWA ARÁAYÉ, ÀWA TÀFÀ-TÀFÀ RỌḂẸ

(“Nosso arqueiro e caçador, nosso arqueiro sagrado; é o arqueiro e caçador sagrado da humanidade”)

Os cadernos/diários demonstram em seus textos a diversidade das maneiras como são produzidos conhecimentos no cotidiano (Alves, 2008). Das transcrições e dos depoimentos emanam os fazer e os sentirens dessas construções. Os textos construídos demonstram formas individuais de abstração, compreensão e reelaboração de saberes. A riqueza de detalhes encontrada em cada

um dos cadernos/diários torna a elaboração da análise difícil e delicada, como bem descreve Alves:

Para apreender a ‘realidade’ da vida cotidiana, em qualquer dos espaços/tempos em que ela se dá, é preciso estar atenta a tudo o que nela se passa, se acredita, se repete, se cria e se inova, ou não. Mas é preciso também reconhecer que isso não é fácil, pois o aprendido/ensinado me leva, quase sempre, a esquemas bastante estruturados de observação e classificação e é com grande dificuldade que consigo sair da comodidade do que isso significa, inclusive a aceitação pelos chamados ‘meus pares’, para me colocar à disposição para o grande ‘mergulho’ na realidade. (Alves, 2008, p.21)

Tentando mergulhar profundamente nos registros dos cadernos/diários, percebi reflexos da religiosidade, das tradições e das personalidades em cada página analisada: cotidianos, saberes e aprenderes em um bailado ritmado, seguindo o chamado dos atabaques. Meu processo de estudo foi, portanto, uma caça pela melhor compreensão do que é ensinado nesse espaço e pelo como mantê-la conservada sem torná-la anacrônica.

Estratégias próprias foram e são criadas a cada momento de aprendizagem no terreiro para que as tradições não se percam dentre tantas outras informações às quais temos acesso. Tecnologias andam de mãos dadas com tradições seculares.

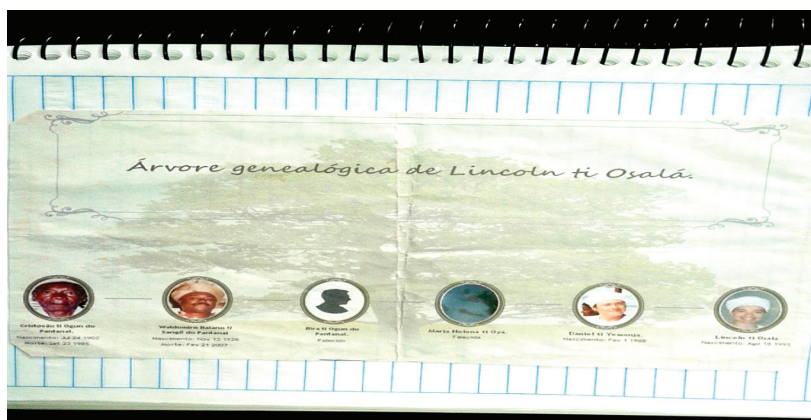


Figura 7
Foto: acervo pessoal

Os cadernos diários diferem de outros cadernos por sua constituição, sua organização individual. Castillo (2010) fala em três tipos de cadernos: o de registro de terreiro, o de *iaô* e o caderno de fundamento:

O registro de terreiro é um tipo de documento que pertence ao terreiro enquanto instituição social. Contém informações de caráter administrativo ...

Outro tipo de registro é o caderno de *iaô*, preparado em alguns terreiros pelas pessoas mais velhas para *iaôs* novatas. Com ensinamentos básicos e informações relevantes sobre o culto do orixá da *iaô* e sobre sua quizilas (tabus), o caderno lhes é entregue depois do período de reclusão ...

O caderno de fundamento é semelhante ao caderno de *iaô*, mas contém informações adicionais adquiridas pelo iniciado ao longo dos anos. Por ser um registro de fundamentos, entre rezas, cantigas, ingredientes para ebós, defumadores, banhos e lendas sobre aspectos mais arcanos do universo simbólico dos orixás, o caderno de fundamento tem de ser guardado em segredo. (Castillo, 2010, p.89)

O caderno de fundamento citado por Castillo (2010) é o que mais se aproxima dos cadernos/diários, apesar de ser iniciado por um mais velho, de santo. Assim como o caderno de *iaô*, vai recebendo informações adicionais com o passar dos anos. O autor explica ainda que a circulação dos cadernos nos terreiros acontece 'por debaixo do pano'. Até o momento, não encontrei falas e/ou escritos sobre anotações elaboradas no local ritualístico, ou mesmo registros sobre terreiros realizados por crianças.

Cada caderno que formou o *şirè* deste trabalho é único e traz consigo histórias carregadas de emoções, vivências e transformações em cada momento de escrita. Por meio dos cadernos, suas organizações diversas, seus registros feitos a partir das oralidades, vemos as redes de saberes vivas e dinâmicas nesses espaços/tempos. Um momento de registro nunca é igual ao outro, assim como o aprender é diferente para cada um.



Figura 8
Foto: acervo pessoal

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês (Org.) *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. 3.ed. Petrópolis: DP&A, 2008.
- BÃ, Amadou Hampâté. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena, 2013.
- BENISTE, José. *Dicionário yorubá – português*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CASTILLO, Lisa Earl. *Entre a oralidade e a escrita: etnografia nos candomblés da Bahia*. Salvador: Ed. UFBA, 2010.
- CONDURU, Roberto. *Pérolas negras – primeiros fios: experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.
- FERREIRA, Marta. Cadernos/Diários de Aşé – Escritas de Candomblé. *Recôncavo: Revista UNIABEU de História*, v.3, n.5, p.121-135, jul.-dez. 2013.
- JACINTO, Antonio. *O ritmo do tantã*. Disponível em: <http://angolapoetas.blogspot.com.br/2010/10/o-ritmo-do-tanta.html>; Acesso em: jan. 2015.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Literatura y estética*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007.

OLIVEIRA, Altair Bento de. *Cantando para os Orixás*. 4.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

ROCHA, Agenor Miranda. *Caminhos de Odu: os odus do jogo de búzios, com seus caminhos, ebós, mitos e significados, conforme ensinamentos escritos por Agenor Miranda Rocha em 1928 e por ele mesmo revisto em 1998*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

RODRIGUÉ, Maria das Graças de Santana. *Ori àpéré ó: o ritual das águas de Oxalá*. São Paulo: Selo Negro, 2001.

NOTAS

¹ Pesquisa que originou a dissertação de mestrado, na qual analiso as redes educativas construídas no terreiro de candomblé *Ilê Aşé Omi Larè Ìyá Sagbá*.

² Fotógrafa, amiga do terreiro pesquisado. *Site oficial*: www.lucianaserra.com.

³ Utilizaremos Alves, por concordamos com seu ponto de vista. A autora sempre explica que usa esses termos juntos para indicar que as pesquisas nos/dos/com os cotidianos pretendem ir além do que ela vê como limites herdados das ciências modernas.

Artigo recebido em 2 de novembro de 2015. Aprovado em 20 de dezembro de 2015.